

**Capital teórico da interação comunicacional e/ou midiaticizada:
reflexões sobre as contribuições e limitações dos artigos publicados no Brasil e
México na primeira década de 2000¹**

Maria Ângela MATTOS²

Resumo

O trabalho discute os resultados parciais de um estudo comparativo de artigos publicados em periódicos científicos brasileiros e mexicanos durante a primeira década de 2000, que abordam a temática da interação comunicacional e/ou midiaticizada (IC/M), questão emergente na pesquisa em comunicação a partir do início daquela década. Tal estudo foi realizado com o objetivo de investigar os aportes teórico-epistemológicos, que fundamentam os objetos abordados nos artigos, identificando suas convergências e distinções, bem como suas possíveis contribuições para o capital teórico dos processos interacionais. Somente os artigos ligados à área de teorias e epistemologia da comunicação serão aqui considerados, tendo em vista que o restante do *corpus* do estudo comparativo está em fase de análise.

Palavras-Chave: Aportes conceituais dos artigos publicados no Brasil e México. Capital Teórico da IC/M. Interação Comunicacional e/ou Midiaticizada (IC/M).

Abstract

The work discusses the partial results of a comparative study of articles published in Brazilian and Mexican scientific journals during the first decade of 2000, which address the theme of communicational and/or mediaticized interaction (C/MI), emerging issue in communication research from the beginning of that decade. Such a study was conducted to investigate the theoretical epistemological intakes that underlie the objects covered in the articles, identifying their similarities and distinctions, as well as their possible contributions to the theoretical capital of interactional processes. Only the articles related to the area of theories and epistemology of communication will be considered here, since the remainder of the corpus of comparative study are in the analysis phase.

Keywords: Communicational and/or mediaticized interaction (C/MI). Conceptual contributions of articles published in Brazil and Mexico. C/MI Theoretical Capital.

¹ Texto apresentado ao Grupo de Trabalho Teorias da Comunicação, 4ª Conferência ICA América Latina, Universidade de Brasília, março de 2014.

² Pós-Doutora no Departamento de Estudios Socioculturales de Universidad Jesuíta de Guadalajara/México. Doutora em Comunicação pela UFRJ. Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC de MG.

Introdução

A proposta do artigo é refletir sobre a produção científica em comunicação publicada em periódicos brasileiros e mexicanos durante a primeira década de 2000 e discutir sobre suas possíveis contribuições para o capital teórico sobre as interações comunicacionais e/ou midiáticas (IC/M), particularmente os artigos de Teorias e Epistemologia da Comunicação (TEC). O material de análise foi extraído do *corpus* de um estudo comparativo em curso sobre os artigos que abordam a temática das IC/M publicados nos dois países durante o mesmo período³.

O *corpus* foi constituído por 14 textos mexicanos e 20 brasileiros⁴, vinculados às seis áreas de investigação⁵. No entanto, somente os textos de TEC serão objetos de análise, que somam seis, entre os quais dois são de autoria brasileira e quatro, mexicana.

Este artigo estrutura-se em dois itens. O primeiro aborda os aportes nucleadores do estudo comparativo e o segundo analisa comparativamente os artigos da amostra à luz dos seus aportes teóricos, evidenciando suas convergências e distinções, bem como suas contribuições e limites para o capital teórico das IC/M.

Aportes teórico-conceituais

As pesquisas de recepção desenvolvidas na América Latina desde o início dos anos 1980, em particular no Brasil e México, configuram-se como porta de entrada dos estudos sobre as IC/M, intensificados a partir do final do século XX com a expansão das tecnologias de comunicação, sobretudo, a partir de seus usos e apropriações sociais. Não se trata, porém, de única via, visto que esta questão tem sido investigada desde o

³ Trata-se de investigação ligada ao estágio pós-doutoral Sênior em Comunicação, financiado pela CAPES e realizado no Departamento de Estudios Socioculturales da Universidad Jesuíta de Guadalajara, México, sob a supervisão do Prof. Dr. Raúl Fuentes Navarro, durante julho a dezembro de 2013.

⁴ Os artigos brasileiros foram consultados na base de dados do Portal de Periódicos da Capes. Já os artigos mexicanos, no CC-Doc – Documentación em Ciencias de la Comunicación do Departamento de Estudios Socioculturales do Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente de la Universidad Jesuíta de Guadalajara (Iteso). As consultas foram realizadas no segundo semestre de 2013.

⁵ Comunicação e Sociabilidade; Comunicação e Mediações Tecnológicas dos Processos Interacionais; Comunicação e Recepção; Comunicação e Política; Comunicação, Arte e Estética e Teorias e Epistemologia da Comunicação.

início daquele século por diversas tradições, a exemplo das vertentes ligadas às Escolas de Chicago e Palo Alto, à Sociologia Fenomenológica, à Psicologia Social, entre outras.

Reflexões preliminares do estudo comparativo indicam que o trabalho “Recepção & Interação” (2000), de José Luiz Braga, representa marco inicial da constituição do modelo de interatividade social mediática ou interação midiaticizada (IM)⁶, pois busca avançar e superar as lacunas do modelo proposto por John Thompson, ancorado em três formas de interação: face a face, mediada e quase interação mediada⁷. Para tanto, Braga critica a aplicação desse modelo à IM, sobretudo, o terceiro tipo por refletir certa obsessão com a comunicação dialógica, uma vez que ele é examinado à luz da forma conversacional direta presencial, subentendendo que somente aí haveria efetiva interação.

Nessa ótica, o autor sugere a revisão do conceito de IC/M a partir dos seguintes procedimentos: evitar caracterizar a interatividade mediática por suas lacunas, mas inversamente, buscar suas próprias especificidades; dar conseqüência à ideia de que a interatividade mediática afasta no tempo e no espaço os interlocutores, instaurando entre eles interação difusa e diferida; e abandonar a percepção de que a interatividade é atributo substancial de um determinado meio de comunicação, e não de outros. Em vez disso, ela deve ser vista como processo socialmente construído.

Importante salientar que a metapesquisa, “A construção do capital teórico sobre os processos de interação midiaticizada nos artigos apresentados nos encontros anuais da Compós⁸ durante a primeira década de 2000”⁹ revelou crescente apropriação deste objeto nas pesquisas de recepção. Tal consideração deve-se ao aumento de *papers* no

⁶Há grande diversidade de expressões ligadas ao termo interação midiaticizada (IM), como também diferentes sentidos ancorados em inúmeras correntes de estudo. Nesse artigo tomaremos como referência central o conceito de Braga (2000), que ora emprega o termo interatividade social mediática ou interação midiaticizada e/ou mediática. A despeito disso, o artigo irá tomar como sinônimo de IM diversas expressões, como: interação mediática, interação mediada por meios ou dispositivos midiáticos/técnico-midiáticos, entre outras, reservando a discussão de tal diversidade para os próximos artigos acerca dos resultados globais do estudo comparativo.

⁷Conforme Braga (2000, p. 113), Thompson considera que a quase interação “é monológica; o fluxo de comunicação é predominantemente de sentido único; não há reciprocidade; não há monitoração reflexiva da própria conduta; há assimetria estrutural entre produtores e receptores.

⁸Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

⁹O objetivo central da metapesquisa foi identificar e analisar os aportes teóricos, conceitos e categorias analíticas sobre a IM adotados pelos trabalhos apresentados à Compós no período, como também as apropriações dos aportes, autores e obras de referência. Desenvolvida entre 2011-2013, essa investigação foi desenvolvida pelo grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces, sob minha coordenação e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

período e a diversidade de aportes teórico-metodológicos utilizados pelos seus autores para tratar da interação, apresentados a vários Grupos de Trabalho (GT) da Compós, entre os quais destacamos os mais representativos: Recepção, Usos e Consumos Midiáticos; Comunicação e Sociabilidade; Comunicação e Cultura; Comunicação e Cibercultura e Comunicação e Política.

Lopes (2011, p. 49) enfatiza que o desafio hoje é ajustar o foco da pesquisa de recepção no contexto da sociedade rede e sua ecologia dos meios. “Nela é possível destacar, em princípio, dois momentos nas relações da audiência com a mídia: antes e após a entrada da participação do receptor nos processos que incentivam a transmediação e a interatividade”. Sob mesmo prisma, o investigador mexicano Orozco (2011) considera que vivemos hoje outra condição comunicacional que institui “nova cultura da participação”, nova era na qual cabem todos os meios e dispositivos tecnológicos existentes e as interações das audiências com eles.

Braga (2006) assinala que esta nova condição reflete o processo de midiatização em curso acelerado na sociedade, pela qual as IMs podem ser vistas como processos interacionais de referência, “tendencialmente prevalentes”. O autor considera, porém, que entender a midiatização sob essa ótica não significa desconsiderar a existência dos demais processos de interação presentes nas sociedades, nem mesmo afirmar suposta substituição de um modelo por outro, pois as formas tradicionais de interação se mantêm ainda ativas. Estas, contudo, de centrais passam a secundárias, em face do processo interacional midiatizado de referência.

Ao considerar que o núcleo teórico da comunicação consiste na “*vinculação entre o eu e o outro*, logo, a apreensão do ser-em-comum”, Sodré (2002, p. 223) enfatiza a necessidade de não reduzi-la à interação midiática, vez que a vinculação implica a inserção social do sujeito desde a dimensão imaginária até a liberação frente às condutas e aos valores. “Aqui se faz necessariamente presente o sentido ético-político do bem comum”, tornando a “questão comunicacional política e cientificamente maior do que a se constitui exclusivamente a partir da esfera midiática”. (SODRÉ, 2002, p.223-224). A despeito de tal distinção, o autor reconhece que no contexto da midiatização – concebida como uma ordem de mediações socialmente realizadas e como processo informacional, a reboque do Estado e das organizações empresariais –, emerge um tipo particular de interação, a tecnointeração, que se caracteriza por uma

espécie de “prótese tecnológica e mercadológica” da realidade sensível, isto é, por nova tecnologia societal, o que implica em radical transformação dos processos interacionais e de sociabilização.

Destacamos que os avanços teórico empíricos alcançados nesta última década pelos estudos de recepção, especialmente as vertentes culturalistas inglesa e latino-americana, estão propondo outros referentes conceitual-metodológicos para investigar as novas dinâmicas interativas e a revisão do estatuto do receptor. A proposta de Martín-Barbero (2004) caminha nessa direção ao sugerir o deslocamento das mediações culturais para as mediações comunicativas da cultura. Assim, o autor passa a reconhecer o protagonismo do comunicacional nas sociedades contemporâneas, assumindo não a prioridade dos meios no sentido de inverter as proposições de sua abordagem anterior – “dos meios às mediações” –, e, sim, no intento de considerar que “a mediação tecnológica deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 228). Para Braga (2012), tal deslocamento se aproxima fortemente do sentido que ele atribui à midiatização, ou seja, uma nova ordem comunicacional que engloba todos os campos sociais, instados a atuar nas dinâmicas processuais da comunicação.

Diante do exposto, enfatizamos que os formatos atuais da IC/M solicitam levar em conta tais perspectivas, bem como criar outros aportes para apreender suas diferentes manifestações, coexistentes e não excludentes, já que interagem, elas mesmas, umas com as outras, compondo um sistema de afetação mútua. Embora os novos regimes interacionais sofram influências recíprocas que alteram a lógica de funcionamento de cada um, entendemos que as IMs possuem configurações particulares, vez que suas ocorrências se dão a partir das incidências do campo midiático na vida social e vice-versa.

Em que medida os artigos de TEC do *corpus* do estudo comparativo contribuem para a constituição do capital teórico das IC/M? Quais são os desafios e perspectivas para avançar na construção de categorias analíticas sobre as especificidades das interações no cenário da midiatização contemporânea? É o que discutiremos a seguir.

Análise comparativa dos artigos brasileiros e mexicanos

Todos os seis textos analisados adotam perspectivas transdisciplinares da comunicação, realizando interfaces com outros saberes. Dentre dois trabalhos brasileiros, um, de autoria de Braga e Gastaldo (2008), promove articulação da Comunicação com a Sociologia, mais especificamente com o Interacionismo Simbólico (IS) da Escola de Chicago, e o segundo, com a Sociologia, especialmente as teorias da estruturação de Anthony Giddens. Já entre os quatro artigos mexicanos, três foram elaborados por uma mesma autora, Marta Rizo, que dialogam com as seguintes correntes: Interacionismo Simbólico, Escola de Palo Alto, Sociologia Relacional de George Simmel, Psicologia Social e Sociologia Fenomenológica. O quarto texto, de Bech (2008), realiza interface com a Antropologia Filosófica e Simbólica e a Hermenêutica.

A interação sócio-comunicacional é conceito nucleador de todos os artigos da coleção analisada. Enquanto o texto da dupla brasileira faz releitura das obras clássicas da Escola de Chicago, evidenciando seus subsídios para analisar a IM, três mexicanos, de única autoria, recuperam os princípios e conceitos estruturantes das correntes que estudam a interação presencial e interpessoal. O quarto artigo mexicano detém-se também na discussão sobre as dimensões interacional e intersubjetiva dos processos de comunicação humana. Ancorado nos enfoques antropológico e hermenêutico, esse texto promove revisão crítica das teorias da comunicação e propõe a ultrapassagem da dimensão instrumental da linguagem e da análise das relações estruturais dos sistemas de signo. Seu autor parte do pressuposto de que a comunicação humana coloca em jogo um conjunto da cultura e, por isso, aborda os problemas implicados na intersubjetividade da “comunicación viva, del habla y la especificidad de la comunicación oral, de la comunicación no verbal, asimismo, propone que la cultura material y la relación humana con el paisaje constituyen sistemas fundamentales de la comunicación”. (BECH, 2008, p. 13).

O segundo artigo brasileiro, por sua vez, se vale do conceito de reflexividade, cunhado por Giddens, para refletir acerca da relação estabelecida entre jornalismo e sociedade. Para tanto, o autor considera que “o consumidor da notícia, se pode ter sido, ele próprio, já um ‘domesticador’, vai ainda reelaborar os discursos presentes nas

diversas narrativas jornalísticas. Os sentidos do mundo deixam de ser unívocos para assumirem uma condição de permanente (re) significação”. (CARVALHO, 2008, p. 80). Percebe-se, então, sua preocupação em analisar os processos de articulação entre mídia/jornalismo e sociedade, sob a perspectiva da IM, ainda que não denominada enquanto tal. Ainda nesse artigo, fica clara a perspectiva de seu autor em encarar a IC/M como processo construído socialmente ao ressaltar que “a mídia é capaz de agendar debates públicos, agendar-se mutuamente e também ser agendada pelos ‘receptores’, compreendidos como atores sociais em processos ativos de interação”. (CARVALHO, 2008, p. 77). Pode-se dizer que a lógica de acionamento da interação se dá numa perspectiva recíproca entre mídia e atores sociais, corroborando o enfoque de Braga que considera a IM um processo de mão dupla.

Embora se apoiem em aportes distintos, os artigos de Bech e Carvalho fornecem elementos para enriquecer o capital teórico da IC/M. O segundo autor concebe a reflexividade como processos de subjetivação que atuam como remanejadores dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação e como dispositivo social de interação com a mídia. Já o texto mexicano, ainda que não aborde os processos de interação mediados midiaticamente, inspira-se em tradições teóricas fundadoras dos estudos da interação humana. Além de problematizar as incompletudes das correntes da lingüística e da semiótica estrutural, esse autor fornece elementos para a construção de uma epistemologia e ontologia da comunicação que dão a ver os processos vivos da interação.

Entre os quatro artigos da amostra, dois deles – um de autoria brasileira e outro, mexicana – embora promovam releituras da mesma corrente de estudo, o Interacionismo Simbólico (IS), apresentam diferenças marcantes, tanto em relação às perspectivas adotadas pelos autores sobre a IC/M, quanto no que diz respeito aos usos e apropriações que fazem de suas premissas e conceitos. Ademais, o texto mexicano desenvolve abordagem mais ampla sobre os conceitos de comunicação e interação, mediante as perspectivas da Escola de Palo Alto (EPA) formuladas por Gregory Bateson, Paul Watzlavick e Don Jackson, enquanto o brasileiro se atém ao quadro teórico da Escola de Chicago, a partir da releitura de três de seus pensadores: William I. Thomas, George Herbert Mead e Herber Blumer.

Outra distinção marcante é que enquanto o texto mexicano privilegia a interação interpessoal e grupal em ambiente presencial, a partir do pressuposto de que a dimensão técnico-instrumental da comunicação impede compreensão ampla da comunicação, o brasileiro articula o pensamento dos IS com os textos midiáticos, seus usos, apropriações e interpretações por parte dos receptores. Ainda que a IM não seja tratada como categoria destacada na análise, essa questão perpassa o texto de autoria brasileira e oferece reflexões que permitem circunscrever e abordar tal fenômeno.

Conforme Rizo (2008), a comunicação é concebida como interação pelo IS e pela EPA. Em relação a essa última, o artigo focaliza as premissas do seu modelo comunicativo “orquestral”, que considera a comunicação como fenômeno social ancorado no primeiro sentido da palavra Comunicação, ou seja, no compartilhamento, na participação e na comunhão entre os sujeitos. Em oposição ao modelo “telegráfico”, o “orquestral” encara a comunicação como processo multidimensional em que entram em jogo outros elementos contextuais, além do emissor, mensagem e receptor. A autora enfatiza que essas duas escolas permitem compreender a comunicação como base da interação social e, desse modo, como fundamento para a construção do mundo social: “Compartida por ambos enfoques, esta concepción se relaciona con la propuesta de considerar a la interacción como el “corazón de la Comunicología” [...] (RIZO, 2008, p. 180-181).

Sob outro prisma, o texto brasileiro evidencia que o pensamento interacionista tem potencial para o estudo dos fenômenos comunicacionais contemporâneos, indo além da interação face a face e presencial, e no caso da análise da recepção, consumo e uso midiáticos, é possível imprimir um “olhar interacional” acerca da relação entre meios e atores sociais.

Nos outros dois artigos mexicanos (2005; 2007), Rizo fornece contribuições para o capital teórico das IC/M, ainda que seus enfoques incidam sobre a interação interpessoal e grupal em contexto presencial. No primeiro deles, ela explora este conceito, desde a Psicologia Social (PS) e a Sociologia Fenomenológica (SF), áreas a seu ver, pouco exploradas no campo comunicacional, devido ao predomínio dos estudos sobre os meios de difusão massiva. Esse mesmo texto estabelece rotas para pensar os vínculos entre aqueles dois campos de conhecimento, tendo como premissa a ideia de que as Ciências da Comunicação, a PS e SF compartilham espaço conceitual comum, a

partir da compreensão da comunicação como vínculo e como base para a construção do social. Nessa ótica, o trabalho recupera os enfoques teóricos que se aproximam às definições originárias do termo “comunicação”, ou seja, as que vinculam o fenômeno comunicativo à interação, ao diálogo, ao vínculo, à comunhão. Essa visada se articula com a noção de vinculação social de Sodré (2002), embora a autora mexicana considere a tecnointeração um entrave ao processo dialógico.

A ênfase no contexto presencial da interação em detrimento da interação mediada é recorrente na produção teórica de Rizo, o que coloca em suspeição certo idealismo da autora quanto à interação presencial de um lado, e de outro, sua resistência em reconhecer a importância dos estudos sobre a interação mediada pelo campo midiático. A supervalorização do interpessoal e presencial dá margem ainda para se pensar que as assimetrias e os conflitos, que geralmente ocorrem em situações presenciais entre os indivíduos e grupos, não são problematizáveis. Braga (2000) enfatiza, contudo, que nem toda interação face a face pode ser considerada dialógica, simétrica, alternado-recíproca, pois as relações reais de troca na sociedade são frequentemente desiguais e, muitas vezes, autoritárias.

Ao tratar dos três níveis da interação sob a ótica da PS – comunicação pessoal, comunicação interpessoal e comunicação de massa –, Rizo reitera sua posição crítica à interação mediada ao ressaltar que esse último nível “no parece ser tan adecuada para abordar el concepto de interacción” (RIZO, 2005, p. 115), o que, a nosso ver, sugere ceticismo da estudiosa quanto às possibilidades interacionais dos meios e ambientes comunicativos midiáticos, além de condicionar a ocorrência ou não da interação copresencialidade dos atores sociais. Mas, conforme já assinalado por Braga, é problemático ter como referência a comunicação interpessoal ou o modelo conversacional para analisar outra ordem de interação, a mediada pelos aparatos tecnológicos. Inicialmente, porque analisa esse regime de interação pelo que ele não é, tomando como referência a interação face a face para analisar um regime interacional completamente distinto, uma interatividade que afasta no tempo e no espaço os interlocutores. Em segundo lugar, porque não é o meio ou ambiente por si só que gera a interação, mas, sim, o modo como os interlocutores se apropriam dos recursos disponíveis na sociedade e os mecanismos que acionam para instaurar as dinâmicas interacionais.

Embora Rizo reconheça no texto sobre Simmel (2007) que a interação possa ocorrer em processos de comunicação sem a presença física simultânea entre dois ou mais sujeitos, vimos que as fontes históricas privilegiadas em seus três artigos baseiam-se no marco de relações interpessoais cara a cara. Ainda assim, consideramos tal perspectiva limitada, pois na contemporaneidade é difícil analisar as interações interpessoais sem considerar a mediação dos sistemas técnicos de comunicação e suas contaminações recíprocas.

Nesse último artigo, Rizo propõe revisitar a obra de Simmel visando enriquecer as reflexões em torno da interação e sociabilidade, conceitos entrelaçados à comunicação. Para ela, a microssociologia do autor pode ser chamada de relacional, sendo a interação social seu núcleo central. Por essa razão, o sociólogo é considerado um dos grandes antecessores do IS e da Teoria do Intercâmbio. Entretanto, apesar da perspectiva de simmeliana constituir fonte de conhecimento para a ciência da comunicação, o texto salienta que o predomínio dos estudos sobre os meios tem deixado de lado a importância dos processos de interação em situações microssociais. Nessa direção, Rizo aponta algumas premissas da sociologia relacional que contribuem para a ciência da comunicação e, por extensão, acrescentamos, para o estudo das possíveis articulações entre os diversos formatos de interação, e por que não, as IC/M, quais sejam: i) as situações de comunicação interpessoal não são simétricas e, poucas vezes, isentas de conflitos; ii) a distância social entre os participantes de uma interação determina a forma como se dá as relações interpessoais; iii) em todas as situações de interação interpessoal, os sujeitos trocam algo material e, sobretudo, simbólico.

Ao considerar tais premissas, Rizo parece relativizar a suposta visão idealista das relações presenciais, além de permitir derivações da microssociologia para além das interações presenciais. Em síntese, as diferentes formas sociais estudadas por Simmel e suas categorias analíticas e, em particular, os tipos de interação – intercâmbio, subordinação, supraordenação e sociabilidade – têm potencial heurístico para compreender as múltiplas formas de interação entre os indivíduos, grupos, instituições sociais e os sistemas de comunicação midiáticos.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo do artigo salientam a importância do empreendimento dos pesquisadores brasileiros e mexicanos em recuperar os aportes de várias tradições teóricas para o estudo dos processos de interação, independentemente de focalizar a comunicação midiática. É inegável a contribuição das correntes fundadoras do pensamento comunicacional para analisar a crescente complexidade e diversidade de fatores que afetam a dinâmica da vida social contemporânea e seus processos interacionais. Nesse sentido, salientamos que os aportes abordados por Rizo são cruciais para ampliar e enriquecer as categorias analíticas dos processos atuais de IC/M.

Apesar de a sociologia simmeliana ter como pressuposto o caráter relacional e associativo dos indivíduos, com ênfase ao contexto presencial, reconhecemos que o pensador fornece chaves de leitura para interpretar as ambigüidades que perpassam as IC/M. Trata-se, a nosso ver, de questão relevante para analisar a interação sócio-comunicacional hoje, seja a interpessoal, grupal ou coletiva, mediada ou não pelos dispositivos sociotécnicos à medida que essas categorias nos permitem apreender a complexidade e a pluralidade de fatores que se entrelaçam e intervêm nas práticas de socialização contemporânea, gerando processos interacionais contraditórios, mas inter-relacionados, como a subordinação, a supraordenação, o conflito e a sociabilidade.

Trata-se, enfim, de uma fortuna da tradição da sociologia clássica a ser considerada na construção do capital teórico das IC/M. Afinal, não podemos negar que a midiatização é um processo irreversível hoje, muito menos desconsiderar que ele é resultante das ações humanas e formas como construimos nossas interações cotidianas, com ou sem a presença da mídia, mas, sem dúvida, tendo-a como processo interacional de referência.

Referências

BECH, Julio Amador. Conceptos básicos para una teoría de la comunicación. Una aproximación desde la antropológia simbólica. In: **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)**, Ano 1, num. 203, mayo-agosto, 2008, pp. 13-52.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Edison. “O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. In: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. v. 1, n. 39, 2009, p. 78-84. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

BRAGA, José Luiz. **Interação & recepção**. Texto apresentado ao GT Mídia e Recepção, do IX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Porto Alegre: 2000.

BRAGA, José. Luiz. **Mediatização como processo interacional de referência**. Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Bauru: 2006.

BRAGA, José Luiz. “Circuitos versus campos sociais”. In: MATTOS, M. A.; JANNOTI JR., J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & Mediatização**. Salvador: EDUBA; Brasília: Compós 2012, p. 31-52.

CARVALHO, Carlos Alberto. “Reflexividade e Jornalismo: algumas aproximações”. In: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Vol. 1, n. 36, 2008, p. 77-83. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: JACKS, Nilda, *et al.* (orgs.). **Análisis de recepción en América Latina: um recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito-Ecuador: Editorial “Quipus”, CIESPAL, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OROZCO, G. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS, Nilda, *et al.* (orgs.). **Análisis de recepción en América Latina: um recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito-Ecuador: Editorial “Quipus”, CIESPAL, 2011.

RIZO GARCIA, Marta. “Comunicología, Psicología Social y Sociología Fenomenológica. Exploraciones teóricas para la conceitualización desde la propuesta de George Simmel”. In: **Anuário CONEIC XIV**. México: 2007, p. 167-184.

RIZO GARCIA, Marta. “Comunicología, Psicología Social y Sociología Fenomenológica. Exploraciones teóricas para la conceitualización de la interacción y comunicación”. In: **Anuário CONEIC XII**. México: 2005, p. 105-127.

RIZO GARCIA, Marta. “Apuntes para comprender la sociabilidad, la interacción y la comunicación desde la propuesta de George Simmel”. In: **Anuário CONEIC XIV**. México: 2007, p. 167-184.

RIZO GARCIA, Marta. “Comunicologia y Interacción. El concepto de comunicación en interaccionismo simbólico y la Escuela de Palo Alto”. In: **Anuário CONEIC XV**. México: 2008, p. 167-183.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.